

Entre Cores e Conceitos: A Essência das Bienais – Por Amadeu Ricardo

written by Amadeu Ricardo | 31 de Março, 2025

OCIDADAO
Journalism Libre



Amadeu Ricardo

As **bienais** permanecem como palcos privilegiados para o debate artístico, espaços onde a criatividade se manifesta na sua forma mais pulsante. Contudo, por detrás do brilho das inaugurações e do fascínio das exposições, esconde-se um intrincado jogo de interesses, onde os desafios da organização e da seleção se tornam inevitáveis.

As Bienais, como espaços privilegiados para a fruição e o debate artístico, enfrentam uma contradição inerente: ao mesmo tempo que pretendem ser democráticas e inovadoras, muitas vezes vêm-se reféns de interesses individuais, jogos de influência e dinâmicas de exclusão veladas. Em Portugal, a proliferação de bienais reflete uma energia cultural inegável,

mas também expõe fragilidades que não são exclusivas do país. O dilema que se impõe globalmente é como manter a integridade destes eventos perante as tentações do ego, dos modismos e das redes de favorecimento.

A controvérsia não é nova nem restrita a um território específico. A Bienal de Veneza, a mais prestigiosa do mundo, não está isenta de críticas: acusada de elitismo, de favorecer determinados circuitos curatoriais e de, em algumas edições, excluir vozes dissidentes, a sua seleção tem sido frequentemente questionada por falta de transparência. Em 2019, a polémica em torno do prémio ao artista Jimmie Durham levantou debates sobre a identidade cultural e apropriação, evidenciando como a curadoria pode, intencionalmente ou não, reforçar certas narrativas em detrimento de outras.

A Bienal de São Paulo, uma das mais relevantes do Hemisfério Sul, também já foi palco de choques intensos. Em 2014, houve artistas que retiraram as suas obras em protesto contra o financiamento de instituições ligadas ao governo Israelita, expondo como as bienais, longe de serem neutras, são algumas vezes atravessadas por disputas políticas e ideológicas. Em 2023, a questão da representatividade voltou ao centro das discussões, com acusações de que a curadoria negligenciava certas perspectivas em favor de um discurso excessivamente alinhado com o mercado.

Em menor escala, mas não menos relevante, a Bienal de Whitney, em Nova York, a sua credibilidade foi abalada em 2019, quando alguns artistas boicotaram o evento em protesto contra a presença no conselho do museu de Warren B. Kanders, empresário ligado à produção de armamentos utilizados contra civis em protestos. O episódio escancarou como a arte e o poder estão entrelaçados e como os organizadores, por vezes, tornando-se cúmplices de estruturas que contradizem os próprios valores que a arte deverá defender.

Perante este panorama, Portugal não está imune às mesmas questões. O desafio para as bienais portuguesas não é apenas

resistir ao risco da irrelevância no circuito da arte, mas garantir que as seleções e prêmios sejam pautadas por critérios genuínos, e não por jogos de influência. A meritocracia dos júris deve ser questionada: estarão eles realmente comprometidos com a qualidade artística ou apenas a perpetuar as relações de conveniência? As exclusões são justificáveis ou revelam um sistema que, sob a máscara da curadoria, impõe limites à diversidade de pensamento? Porque não incluir artistas nos júris?

Se as bienais querem manter o seu “status” como espaços essenciais para a arte contemporânea, precisam de enfrentar essas críticas. Precisam de ser mais do que vitrinas de tendências ou trampolins para a consagração de nomes já estabelecidos. Precisam ser, acima de tudo, plataformas de indagação, onde o verdadeiro risco artístico seja acolhido, onde a transparência seja regra e onde a arte não se dobre aos caprichos do mercado e dos egos curatoriais. Pois, do contrário, correm o risco de se tornarem apenas mais um espetáculo vazio – uma sucessão de exposições bem-produzidas, mas desprovidas do impacto real.